Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

ISSNe 2674-919X

Editorial

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud analisa as crenças religiosas como ilusões, construções motivadas por desejos inconscientes, em especial o de proteção e consolo diante das ameaças da natureza e da vida em sociedade, bem como nossa condição essencialmente desamparada.

A Comissão Editorial da Revista de Psicanálise da SPPA retoma essa profunda reflexão freudiana, introduzindo a tensão dialética ilusão-desilusão.

Autores pós-freudianos são unânimes em reconhecer a ilusão como condição, formação ou recurso psíquico fundamental e inerente à experiência humana.

Contudo, 100 anos após, vivemos tempos distintos. Utopias esfacelam-se. O sonho e o espaço intermediário colabam, borram-se. A mentira perverte a ilusão.

Onde encontrar brechas de luz, como lidar com esse montante de ataque ao pensar? De que forma, como psicanalistas, podemos oferecer alternativas às simplificações e gratificações onipotentes narcísicas?

A poesia de Gilberto Gil resgata o potencial humano calcado no amor e na semeadura, além de considerar o crescimento, a passagem do tempo e a finitude. Uma caminhada que contaria com a ilusão como lampião iluminando a dureza de trechos da estrada e a escuridão de momentos na vida.

> Drão,
> O amor da gente como um grão
> Uma semente de ilusão
> Tem que morrer pra germinar
> Plantar n'algum lugar
> Ressuscitar no chão
> Nossa semeadura
> Quem poderá fazer
> Aquele amor morrer
> Nossa caminhadura
> Dura caminhada
> Pela estrada escura
> (Gil, 1982)

Muitos autores desse número produziram trabalhos aprofundando o resgate da capacidade humana criativa e de ligação, mesmo em um mundo onde toda esperança parece colapsar. Leandro Drivet, em *A psicanálise em face da religião*

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

como dogma e como mito. Vatersehnsucht e Muttersehnsucht na gênese da fé, reconstrói a critica freudiana acerca de religião, incluindo uma dimensão de potencial antitirânico e simbólico, a qual poderia limitar o narcisismo além de um anseio pela mãe, fonte possível de vínculos eróticos e criativos, desde que desvinculado de tendências regressivas.

Em *Novas reflexões sobre o Processo Civilizatório a partir de uma expansão do conceito de sublimação em Jean Laplanche***,** José Carlos Calich destaca a atividade tradutiva, especialmente a sublimação, como fundamento da constituição psíquica, da cultura, dos processos civilizatórios e de um vir-a-ser humano aberto à alteridade, diferenciando-se assim dos movimentos anticivilizatórios.

Dois artigos abordam o impacto da cultura do narcisismo na constituição psíquica. Em *Reflexões sobre o humano e as tecnologias – novas ferramentas/ velhas ilusões*, Maria Cristina Vasconcellos analisa como a cultura contemporânea, marcada pela ilusão de onipotência e autoengendramento, é intensificada pelas tecnologias digitais. Ao mesmo tempo em que expressam o desejo narcísico de preservar um mundo idealizado, tais tecnologias reforçam e ampliam a própria ilusão. No trabalho *Do futuro de uma ilusão a uma alucinação sem futuro na sociedade da positividade,* Ignácio A. Paim Filho, Maria Cristina Vasconcellos, Magali Fischer, Regina Klarmann, Sandra Wolffenbüttel, Rossana Nicoliello Pinho analisam como a Psicanálise aborda a influência da cultura na formação da subjetividade, destacando a importância da simbolização e da elaboração do desamparo, da negação da castração e da morte na contemporaneidade. Com apoio em Byung-Chul Han e no filme *The square (2017)*, os autores discutem o impacto do narcisismo e do excesso de positividade no colapso do sujeito atual.

Qual o lugar da psicanálise, quais recursos temos, onde podemos buscar e desenvolver ferramentas e reflexões que sejam contemporâneas quando a subjetividade e a própria existência psíquica são profundamente desafiadas? Considerando tais contextos e complexidades, três autoras aprofundam debates psicanalíticos que nos subsidiam com instigantes aportes. Anna Ferruta, em *O encontro com os objetos no pensamento de Winnicott,* propõe uma reflexão sobre as relações objetais em Winnicott, articulando o uso da pulsão destrutiva na constituição da alteridade do objeto e da independência do sujeito. Ao lado da teoria do objeto transicional, destaca ainda a contribuição de Bollas sobre a integridade dos objetos, os quais, ao evocarem experiências emocionais, estruturam a vida psíquica e os processos de simbolização. Em *Quando a subjetividade acontece*, Cátia Olivier Mello investiga, a partir do conceito de *acontecimento*, como algo inédito pode emergir no tratamento psicanalítico e possibilitar o surgimento de um novo sujeito, enfatizando o compromisso ético do analista com esse sujeito

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

emergente. Berta Hoffmann Azevedo, no artigo *Quando o brinquedo não brinca: há futuro para a desilusão?,* apresenta de forma sensível os desafios da clínica psicanalítica diante de impasses em que qualquer intervenção pode parecer excessiva ou insuficiente. A sustentação da turbulência e a transformação em escuta e simbolização apresentam-se como recursos para acolher o impasse, uma via possível entre o caos e a criação.

A seção *Temas Diversos* segue oferecendo espaço para a publicação da pluralidade de vozes que enriquecem e expandem o campo psicanalítico. No artigo *O problema econômico do masoquismo: revisitando Freud 100 anos depois,* Luciane Falcão articula a relação entre masoquismo erógeno primário e pulsão de morte, discutindo, com base em Rosenberg, os desdobramentos entre o masoquismo guardião da vida e o masoquismo mortífero. Cláudio Laks Eizirik, em *A pessoa do analista: uma obra em construção,* nos brinda com uma rica contribuição sobre a identidade psicanalítica, abordando a pessoa real do analista e suas singularidades, além de enfatizar a importância da constante formação ao longo de sua vida analítica.

Análises iniciáveis: questões técnicas para a psicanálise contemporânea, escrito por Maicon Pereira da Cunha, propõe refletir acerca do manejo do traumático na clínica contemporânea, destacando a figurabilidade como recurso técnico e articulando teoricamente o trauma ao mecanismo de cisão do Ego e à transição de uma leitura ontológica para uma hermenêutica do sujeito. *Look for the light: um estudo psicanalítico sobre o trauma ficcional no jogo eletrônico The Last of Us,* de Mariana Vieira Teles, Luan Estrela Pietro e Letícia Staub Limberger, discute o trauma e a sobrevivência psíquica a partir da narrativa do jogo *The last of us* (2013), mostrando a maneira com que experiências ficcionais podem iluminar questões reais da clínica, como luto, vínculos, adolescência e sexualidade, ampliando a compreensão do trabalho psicanalítico com o pós-trauma. Em *Trauma, onipotência e realidade: uma análise teórico-clínica em dois mergulhos,* Thais Siqueira levanta os desafios clínicos da onipotência do pensamento, considerando conceitos de Freud e Ferenczi sobre o trauma psíquico para propor um diálogo criativo entre fantasia e ilusão de onipotência.

Denise Steibel resenha o livro *Sonhar, fantasiar, virtualizar: do virtual psíquico ao virtual digital,* de Serge Tisseron, convidado do XVII Simpósio da Infância e Adolescência da SPPA. O autor propõe uma reflexão psicanalítica sobre o impacto das tecnologias digitais no psiquismo contemporâneo, explorando como o virtual – desde sua origem psíquica até sua manifestação digital – influencia a constituição subjetiva, os modos de relação, os processos de simbolização e os riscos de clivagem na cultura das telas.

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

A sessão *Psicanálise em diálogo* homenageia nossa querida colega Joyce Goldstein, falecida em setembro de 2024. Publicamos dois trabalhos que abordam o tema ao qual ela vinha se dedicando: branquitude. Inquieta, corajosa, divertida, sensível e extremamente generosa, ela foi pioneira ao pensar de forma psicanalítica a intersecção com o social, demonstrando como a psicanálise pode e deve dialogar com as urgências de nosso tempo. Sua fala integrou a Atividade Mensal da Diretoria de Ações na Comunidade – *Branquitude e Psicanálise*, realizada em 27 de agosto de 2024, no âmbito da primeira gestão dessa diretoria na SPPA, sob a coordenação de Luciana Secco. O artigo encontra-se publicado na revista *Calibán* (Goldstein, 2025). A mesa proporcionou um rico encontro entre o relato de vivência apresentado por Joyce e as consistentes ideias de Lia, aqui publicadas no artigo *Entre a norma e o poder: branquitude e a permanência do racismo estrutural.* Deixamos o diálogo daquele e de vários encontros a serem (re) construídos por cada leitor ao reverberar as ideias apresentadas.

As elaborações conceituais de Lia Vainer Schucman dialogam com outro artigo recebido por nossa revista, intitulado *Contextualizando a branquitude brasileira: o pioneirismo do olhar indígena e do olhar negro sobre o branco*, de autoria de Mariana Mendonça Cabeça e Gabriel Inticher Binkowski. Ambos apresentam ao leitor um *letramento* a partir da compreensão da branquitude como um conceito que representa o privilégio estrutural dos indivíduos racialmente classificados como brancos. Referem que este privilégio é sustentado por um histórico de racialização responsável por legitimar desigualdades sociais, especialmente em sociedades como a brasileira, sendo mantido por ideologias como o mito da democracia racial e a meritocracia, as quais ocultam as desigualdades reais. O racismo estrutural, presente nas instituições, reforçaria essa dominação de forma difusa, exigindo transformações sociais profundas para promover igualdade e reconhecer a branquitude como uma construção histórica de poder, e não uma característica biológica. O mito da democracia racial e da meritocracia ocultaria as desigualdades históricas entre imigrações forçadas de africanos e imigrações incentivadas de europeus e japoneses, perpetuando um Brasil marcado por um trauma fundacional e por políticas públicas que privilegiam os brancos.

Encerro com um trecho da carta convite elaborada para esse número por toda Comissão Editorial da Revista de Psicanálise da SPPA.

> A ilusão forja o nosso primeiro contato com o outro, necessário para criar um *quantum* de crédito na vida. Se ela for seguida de uma satisfação real e de nova privação (des)ilusão, percorrerá um caminho dentro de um ritmo de segurança capaz de levar à esperança no futuro. É a partir da des-ilusão

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

> que cresceríamos potencialmente em direção à alteridade, ao respeito e à tolerância de nossas limitações e diferenças. A desilusão não apenas desconstrói ilusões, mas também redefine as expectativas e relações do sujeito com o mundo e consigo mesmo. A psicanálise sugere que a esperança, derivada da oscilação ilusão/desilusão, impulsiona o desejo de um futuro melhor e é essencial também para a construção de utopias.
>
> (...) A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (Fernando Birri citado por Eduardo Galeano, 1994, tradução livre)

Sigamos os passos de Fernando Birri na dura caminhada que Gil (1982) canta, contando com a poesia, a arte e a inspiração!

Ótima leitura! ❐

Figura 1: *The human mountain: towards the light*, Edvard Munch (1927).

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de

Arquivo gerado para uso exclusivo de . Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.

Referências

Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 9-64). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Galeano, E. (1994). *Las palabras andantes*. Madri: Siglo XXI.

Gil, G. (1982). Drão. In *Um Banda Um* [Álbum]. WEA Discos.

Goldstein, J. (2025). Robar la humanidad del otro: blanquitud y psicoanálisis. *Calibán: Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 23(1), 246-249. https://calibanrlp.com/wp-content/uploads/2025/04/2025-Caliban-23-1-esp.pdf

Östund, R. (Dir.) (2017). *The square: a arte da discórdia* [Filme]. Estocolmo: Plattform Produktion. 2h22min.

Naughty Dog. (2013). *The last of us* [Jogo eletrônico]. Sony Computer Entertainment.

Ana Cristina Pandolfo
Editora-Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*

. Fica proibida a distribuição de cópias e divulgação online.
Arquivo gerado para uso exclusivo de